

**A institucionalização da literatura de cordel na Fundação Casa de Rui
Barbosa: de objeto de estudo a gênero literário (1958-2008)**

*The institutionalization of cordel literature at Fundação Casa de Rui Barbosa:
from object of study to literary genre (1958-2008)*

Helonis Brandão¹

Resumo:

Este estudo discute a constituição da literatura de cordel como objeto de pesquisa na Fundação Casa de Rui Barbosa, no sentido de entender e compreender o processo de institucionalização da temática e o posterior reconhecimento da forma poética como gênero literário. A partir da noção de apropriação, sob a perspectiva de Roger Chartier, e da ideia de movência, conforme Paul Zumthor, faz-se uma discussão bibliográfica e documental – desde a constituição do acervo de folhetos, em 1958, até a consolidação do processo de digitalização e disponibilização eletrônica da coleção *Literatura Popular em Verso*, em 2008 – sobre o papel pioneiro, indutivo e referencial da instituição junto aos mediadores culturais (folcloristas, jornalistas, acadêmicos, agentes produtivos, etc.), ao criar e organizar acervo, além de estabelecer programa editorial sobre o assunto.

Palavras-chave: gênero literário; literatura de cordel; institucionalização; objeto de estudo; usos diferenciados.

Abstract:

This study discusses the constitution of the cordel literature as an object of research at Fundação Casa de Rui Barbosa to understand the process of institutionalization of the theme and the subsequent recognition of this poetic form as a literary genre. Based on Roger Chartier's notion of appropriation and Paul Zumthor's the idea of movement, a bibliographic and documentary discussion was carried out – since the creation of the leaflet collection in 1958 up to the consolidation of the digitalization process and electronic availability of the Popular Literature in Verse Collection in 2008 – on the pioneering, inductive, and referential role of the institution with cultural mediators (folklorists, journalists, universities, productive agents, etc.) by creating and organizing collections and establishing an editorial program on the subject.

Keywords: literary genre; cordel literature; institutionalization; study object; different uses.

¹ Doutor em história social pela Universidade Federal Fluminense (2020). E-mail: helonisbrand@gmail.com

1 Prelúdio

O chamado folheto de verso nordestino, materialidade e conjunto de práticas culturais que instituem o sistema editorial e literário do cordel brasileiro, emerge como forma, formato e poética quase em paralelo ao início do Brasil República (Grillo, 2006; Maya, 2006; Terra, 1983). Já as representações que lhe fizeram parte da cultura e das tradições populares, como um fundamento da nação brasileira em construção, foram uma “invenção” dos folcloristas, também ao final do século XIX (Ortiniz, 1985, p. 66-67). Assim, a emergência dos impressos com histórias rimadas e metrificadas, junto ao que foi denominado pelos folcloristas como *poesia popular* – representação mais ampla das diversas expressões da oralidade poética constituída e naturalizada como “genuína” pelos ideais da imemorialidade, da identidade e da tradição –, torna-se constitutiva da emergência da própria nação e marca o início das reflexões sobre as disputas de representação em torno do folheto de verso.

Por sua vez, o reconhecimento do que ficou estabelecido como literatura de cordel como expressão literária é um processo que se mostra bem mais tardio e que ocorre somente a partir dos primeiros estudos institucionais sobre o cordel² (Araújo, 1955; Campos, 1955; Lessa, 1955) – denominação corrente atualmente, e que serve tanto para a forma poética quanto para o formato editorial.

Desse modo, este artigo aborda dois importantes aspectos do bem imaterial: o da **literariedade**, que define a expressão cultural em sua forma e poética – constituindo o cordel em literatura ao configurá-lo como parte de um sistema editorial e literário, pois subgênero poético no campo da literatura brasileira –; e o da **institucionalização em objeto de estudo**, que fez do folheto de verso matéria de pesquisa para diversos usos sociais, na tênue linha entre as permanências atualizadoras e as subversivas transformações na temática, diante do conjunto de formuladores, recursos disponíveis, lugares de fala, trajetórias, individuais e coletivas, convenções do gênero e referenciais do cânone em disputa, o que passa pela historicização das apropriações (usos diferenciados)³ dos intermediadores culturais que o instituem sob os aspectos da forma poética, formatos materiais e finalidades dadas.

² As primeiras publicações desse tipo de abordagem são de meados do século XX. De modo problematizador, busca-se dar um maior padrão de cientificidade ao cordel, respaldando-o a partir de um lugar de referência e legitimando-o enquanto objeto de estudo.

³ O historiador Roger Chartier desenvolveu um método todo próprio para pensar a história do livro e da leitura, delineado através das noções de “práticas”, “representações” e “apropriação”, esta última entendida como “usos diferenciados”. Ver: CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p. 56.

Ao colocar na perspectiva histórica o binômio “folheto de versos” e “cordel em suas leituras” – diversas a cada tempo, lugar e propósito –, levando-se em conta as lutas simbólicas travadas em torno das convenções da forma, as transformações tecnológicas que se refletem na materialidade dos formatos, bem como os usos sociais diferenciados e finalidades distintas, procura-se entender o processo de constituição de sentido, que em sua gênese foi dado e associado à *poesia popular*, chegando posteriormente à institucionalização em objeto de estudo científico e almejada configuração no campo literário – que parte dos agentes de produção e demais intermediários culturais.

Todo esse preâmbulo, espécie de gênese explicativa, apenas fundamenta o que de fato será tratado: discutir o papel exercido pela Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) no processo de lutas e embates em torno da institucionalização do objeto de estudo (folheto) em forma literária (cordel), percebido sob a dinâmica de um elástico tempo de 50 anos. O marco temporal se estende, pois, do início dos estudos e constituição do acervo da FCRB, a partir de 1958; passando pelo programa editorial da casa, iniciado em 1961, e seus desdobramentos; até chegar ao marco final em 2008, ano de publicação da coletânea de artigos do Encontro de Pesquisadores de Literatura de Cordel – evento ocorrido no ano anterior, simbólico da retomada das discussões sobre o tema –, bem como da consolidação da digitalização e disponibilização da coleção *Literatura Popular em Verso* na rede mundial de computadores.

Assim, a partir da discussão bibliográfica e documental sobre o lugar institucional da FCRB, este estudo se debruça sobre os usos do cordel brasileiro como um complexo sistema editorial e literário. Através dos confrontos e diálogos estabelecidos, a intenção é a de refletir sobre os vários embates de representação entre o que foi “inventado” como prática eminentemente *popular* e as subversões instituídas pelos diversos usos sociais do objeto cultural folheto-cordel na FCRB, tornando-o expressão cultural múltipla e importante campo no Brasil e em outros países. Também, entender o papel da FCRB no estabelecimento e consolidação das convenções próprias à forma poética fixa e na configuração dos sistemas editorial e literário que compreendem esse gênero.

As reflexões sobre a gênese e historicidade da institucionalização do objeto de estudo, dos aspectos da literariedade da forma poética e da aceleração de mudanças significativas nos seus processos de suporte, circulação e difusão a partir da disponibilização eletrônica do acervo digitalizado e da desmaterialização do formato impresso – aspectos que subvertem o sistema editorial e literário anteriormente constituído – permitem reafirmar toda a importância da FCRB nesses processos, bem como entender os desdobramentos dos estudos institucionais ali realizados.

2 O início da pesquisa institucional com o cordel e a repercussão na FCRB

Os primeiros estudos de folclore no Brasil que inserem o termo “literatura de cordel” para designar uma expressão cultural do “povo” são do final do XIX. Os textos precursores foram publicados por Silvio Romero na *Revista Brasileira*, entre 1879 e 1880, em forma de artigos que, em 1888, seriam reunidos no livro que inaugura, portanto, o uso da terminologia que associa o que chama de literatura de cordel – os folhetos de larga circulação de origem portuguesa – à *poesia popular* (Romero, 1997).

Depois, nas primeiras décadas do século XX, é que o folheto nordestino – sistema editorial que emerge ao final do século XIX – também passa a ser objeto de interesse e questionamentos dos estudiosos. Os estudos ensaísticos de Rodrigues de Carvalho (1903), Gustavo Barroso (1921), Leonardo Mota (1921; 1925), entre outros, refletem sobre a constituição dessa *poesia popular*, idealizando-a na ancestralidade do meio rural longínquo e percebendo-a como fator de identidade e tradição.

A partir da década de 1920 são os estudos culturalistas, com viés científico, de Amadeu Amaral (1948), Mário de Andrade (1943) e Câmara Cascudo (1952; 1979) que aprofundam a pesquisa sobre a *poesia popular* a partir de critérios investigativos – e não de simples recolha de tipologias –, desenvolvendo um método de estudo embasado nas ciências sociais e antropológicas da época: etnologia e etnografia.

Além dos folcloristas, primeiros comentadores e estudiosos da *poesia popular*, a partir dos anos de 1940 há inúmeras reportagens tratando dos folhetos de verso, seus autores e temática (Silveira, 1944; Tavares, 1946; Moraes, 1948). Desse modo, os jornalistas podem ser considerados os grandes difusores dos folhetos nordestinos para o resto do país, quando assinam matérias sobre o tema em revistas e jornais de grande circulação numa amplitude nacional.

Entretanto, somente a partir da segunda metade do século XX é que surgem os estudos mais problematizadores, sob base metodológica e científica, que institucionalizam o folheto de verso como objeto de pesquisa a partir de um lugar que o referende (Araújo, 1955; Campos, 1955; Lessa, 1955). Assim, pela primeira vez, eles se apresentam sob a lógica da pesquisa acadêmica, nas universidades⁴ e centros de pesquisa (Benjamin, 1968), a exemplo da FCRB, caracterizando o processo de institucionalização do cordel como objeto de pesquisa e expressão literária (Brandão, 2020). É nesse momento que os estudiosos problematizam o circuito de

⁴ Roberto Benjamin é um dos responsáveis pelas primeiras pesquisas sobre o cordel no âmbito da universidade brasileira. Em abordagem que parte da Folkcomunicação, ele refletiu sobre os “folhetos populares” como intermediários no processo de comunicação.

produção, circulação e consumo – através de agentes, leitores, materialidade, temáticas e da poética em permanente construção –, ampliando o leque de abordagens e constituindo, sob o rigor científico do lugar institucional que chancelam, o objeto de estudo que esses precursores nomearam “literatura do cordel” (Araújo, 1955), “folhetos populares” (Campos, 1955)⁵ ou “literatura popular em verso” (Lessa, 1955).

Na outra ponta, os agentes produtivos – que em 1955 se organizam e criam a primeira entidade representativa de poetas (Wanke, 1983)⁶ –, pautados pela reconhecida experiência nas práticas e no fazer literário cotidianos, também avalizam reflexões sobre o fazer poético e são protagonistas que atualizam o cânone em sua movência, termo aqui utilizado no sentido dado por Paul Zumthor, como “incessantes variações recriadoras” (Zumthor, 2018, p. 61).

Ao confrontar as possibilidades dos diversos usos – seja como objeto de estudo que respalda o nacional pelo *popular*, nos aspectos da identidade e tradição que o constituem e idealizam; seja sob a perspectiva da movência, que se dá pelas inúmeras transformações na ancestralidade da origem portuguesa; ou, finalmente, como forma literária constituída em um novo gênero, o do cordel brasileiro –, a noção operatória de apropriação (Chartier, 1990, p. 26)⁷ é a outra ferramenta teórica que permite historicizar as práticas, usos e formas de representação dos que estudaram, classificaram e interpretaram o cordel brasileiro como objeto cultural reificado na poesia *popular*, naturalizada e assim reproduzida desde os primeiros folcloristas.

Por sua vez, os três estudos institucionais precursores de 1955, publicados quase que de forma simultânea, não apenas nomeiam de forma distinta o mesmo objeto de pesquisa, mas retratam a **literatura de cordel**, os **folhetos populares** e a **literatura popular em versos** como a mesma prática cultural, na sua importância e necessidade de ser estudada em seus múltiplos aspectos de sistema editorial e literário. Ao deflagrarem uma série de novas questões até então não pontuadas, iniciam a busca pela definição de um novo campo, materializado no folheto e resultado da escrita poética elaborada por poetas de bancada.

A abordagem institucional, portanto, recai sobre as práticas editoriais, comerciais e literárias, bem como sobre a visão de mundo que emana da influência dos estudos de folclore. Mas, diferente da percepção anterior, em que a *poesia popular* é expoente e explicativa do

⁵ O estudo desenvolvido por Renato Carneiro Campos, de caráter sociológico e institucional, é um bom exemplo de abordagem, pois põe o folheto de verso como objeto de discussão, frente à realidade social e cultural que o produz e, assim, se distancia da perspectiva dos estudos de folclore até então dominantes.

⁶ A Associação Nacional de Trovadores e Viroleiros (ANTV) foi criada em 1955, durante o I Encontro Nacional de Trovadores e Viroleiros, realizado em Salvador e organizado por Rodolfo Coelho Cavalcanti (1919-1987).

⁷ O uso do conceito é de suma importância para refletir as diversas leituras possíveis sobre as práticas em torno da forma poética, dos formatos que lhe dão sentido e dos significados advindos dos embates por configurar-se em gênero literário.

ideário da nação em construção, há questionamentos sobre o processo de produção, circulação e consumo. Assim, o antigo romance, como também era chamado o folheto de feira pelo público consumidor tradicional, passa a ser entendido pelos estudiosos como objeto cultural de pronta venda e vetor de usos os mais diversos, mesmo que ainda represente o autêntico e genuíno da poesia do “povo”, de quando emergiu como parte da *poesia popular*.

Em decorrência da nova percepção problematizadora é que se busca caracterizar as convenções da forma, formato, temática, práticas editoriais, público de leitores, geografia da circulação, dentre outras tantas questões fomentadas a partir de então. Se o cordel ainda é entendido dentro do discurso preservacionista e idealizado como um lugar de memória e da tradição *popular*, na pesquisa de campo e no contato com a dinâmica das práticas envolvidas emergem novos sentidos construídos na institucionalização do cordel como objeto de estudo.

A institucionalização da pesquisa com o cordel nos estudos fundadores de 1955 tem desdobramentos na pesquisa realizada na universidade⁸ e nos estudos dos chamados brasilianistas, a exemplo do professor francês Raymond Cantel (2005, p. 367)⁹, que, na década seguinte, aprofunda a discussão sobre as práticas envoltas no sistema editorial, tendo na FCRB um lugar de ressonância de todas as discussões que emergem a partir de então.

Os múltiplos usos e novas finalidades dadas ao cordel brasileiro pelos agentes e estudiosos terão implicações no programa editorial e na constituição do acervo e folhetos da Fundação Casa de Rui Barbosa. Um movimento que gera clivagens e subversões no objeto de estudo construído até a posterior e definitiva fluidez na rede mundial de computadores.

3 A constituição de acervo e o programa editorial da FCRB: a coleção *Literatura Popular em Verso*

Conforme informação que consta na página da instituição pública na internet, que se notabiliza no país enquanto centro de pesquisa e de preservação da cultura e patrimônio nacional, a FCRB tem objetivos bem definidos:

⁸ A Universidade de São Paulo foi a pioneira em desenvolver um programa de pesquisa sobre a literatura de cordel e a constituir um acervo, em 1968. Ver: LITERATURA Popular. Cordel. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/literatura-popular-cordel/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

⁹ O reconhecimento da literatura de cordel produzida no Brasil e a difusão de sua importância para o meio acadêmico, do Brasil e de outros países, faz com que se atribua a Raymond Cantel o papel de principal desencadeador do processo de popularização da denominação literatura de cordel para além do público mais específico dos estudiosos.

[...] é uma instituição pública federal, vinculada ao Ministério da Cultura, e oferece um espaço reservado ao trabalho intelectual, à consulta de livros e documentos, e à preservação da memória nacional.¹⁰

Dentro do amplo campo de atividades desenvolvidas, a FCRB ainda exerce, há mais de meio século, um papel de suma importância no processo de institucionalização da pesquisa com o cordel brasileiro, pois é a principal agência pública de pesquisa e preservação do patrimônio cultural brasileiro a configurar como protagonista no estabelecimento desse campo de estudo.

Sempre à frente nas ações que consolidaram o objeto de estudo e nas disputas em torno do léxico que o instituiu enquanto gênero literário, faz-se necessário entender a trajetória da instituição de pesquisa frente ao cordel brasileiro. O primeiro movimento foi em 1958, quando o centro de pesquisa criou, junto à área de filologia, um setor voltado para constituição de acervo próprio, o que resultou na elaboração de um primeiro catálogo (1961), estabelecimento de um programa editorial de antologias (a partir de 1964) e estudos (a partir de 1973), constituindo a etapa inicial da coleção *Literatura Popular em Verso* (1961; 1964; 1973; 1977a; 1977b). Depois, já na década de 1980, são publicadas antologias e uma série de novos estudos dentro da linha editorial “Literatura Popular em Verso – Estudos/Nova Série; Antologia/Nova Série”, grande parte publicado entre 1982 e 1989 (Bradesco-Goudemand, 1982; O cordel [...], 1983; Santos; Vianna, 1989). Já em meados dos anos 2000, após um lapso de tempo em que as pesquisas e publicações praticamente ficaram paradas, os trabalhos foram retomados com grande êxito (Nemer, 2008).¹¹

Na perspectiva de análise institucional que faz do folheto o suporte de uma “literatura popular em versos” – terminologia que Orígenes Lessa, um dos precursores dos estudos institucionais na FCRB, utiliza para configurar o que inicialmente delimita como expressão cultural própria ao Nordeste brasileiro –, há um novo tratamento dos estudiosos com as fontes que permite que se passe do mero recolhimento e inventário de temas para o ato consciente e

¹⁰ É necessário esclarecer que no momento em que o artigo foi escrito, entre novembro e dezembro de 2023, era possível acessar o texto citado na página institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa. Após os ajustes para ser publicado não foi mais possível o acesso ao *link* referente à citação, que está com o acesso restrito após a migração de vários conteúdos para a plataforma gov.br. Sobre a retirada da informação na antiga página institucional, ver: FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. Histórico. Disponível em: <http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/>. Acesso em: 02 out. 2024. A respeito do link de acesso restrito, ver: SOBRE a Fundação. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?page=materia&ID_S=229&NM_Secao=contato&ID_M=21. Acesso em: 18 nov. 2023.

¹¹ A retomada veio em 2003, quando foram realizados novos projetos voltados para a organização do rico acervo, a exemplo da digitalização de parte da coleção *Literatura Popular em Verso* – com os cordéis mais antigos e raros –, além da realização de fóruns de debate sobre o tema, a exemplo do “Encontro de Pesquisadores de Literatura de Cordel”, realizado em 2007, em que se reestabelece programa editorial de estudos sobre o assunto, com a publicação de artigos sobre as principais discussões do encontro, espécie de balanço sobre o estudo do cordel no Brasil.

refletido de constituí-las em acervos, delimitá-las enquanto *corpus* e, finalmente, fazer as devidas identificações de autoria e catalogação das coleções para levantar questões pertinentes sobre o sistema editorial e literário.

Na FCRB o movimento de constituição de um acervo de folhetos acontece anos após os primeiros esforços de Mário de Andrade, no tratamento que deu ao material que depois foi denominado de Fundos Villa-Lobos e nas expedições etnográficas e de recolha de material que empreendeu pelo Norte e Nordeste (Terra, 1981, p. 3-7).¹² A diferença é que será um esforço de caráter institucional quando, em meados dos anos de 1950, se forma na FCRB um grupo de estudiosos com o claro objetivo de constituir um grande acervo de folhetos. Mas não só, pois a partir daí é que comporão catálogo, inventariarão autores, editores, lugares de circulação e venda, diversidade de temáticas, entre outras possibilidades de pesquisas, além de publicarem os textos em uma série de antologias e estudos, constituídos na chamada coleção *Literatura Popular em Verso*.¹³

A denominação da coleção citada acima é a mesma dada ao título do artigo fundador de Orígenes Lessa, aquele de 1955. O nome se torna corrente entre os estudiosos ligados à FCRB, pois reflete toda a carga semântica embutida em um novo léxico constitutivo do cordel brasileiro: o dos estudos institucionais. Na busca por outros significados, para além do objeto de pesquisas descritivas sobre as temáticas ou da tradição folclorista fincada nas origens da nação, o que Orígenes Lessa busca é caracterizar e compreender o cânone, bem como obter um maior entendimento da recepção junto aos leitores:

Não se trata de manifestações esparsas, do fruto esporádico da imaginação deste ou daquele. Há toda uma longa tradição nesta literatura humilde e simples que veio tomando vulto desde os fins do século passado e que conta com seus clássicos, os seus mestres, cujo nome e cujas obras conquistaram o coração e a memória do povo (Lessa, 1955, p. 60).

Antônio Houaiss, um dos intelectuais que esteve à frente da iniciativa institucional, é que diz sobre o caráter preservacionista da iniciativa:

Coleções particulares de folhetos eram conhecidas no Rio de Janeiro desde o fim da Segunda Guerra Mundial, mas pelo início da década de 1950 alguns

¹² Os Fundos Villa-Lobos fazem parte do Arquivo Mário de Andrade e estão depositados no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Este acervo faz parte de um primeiro esforço de recolha da literatura popular em verso do Nordeste, sob a incumbência do maestro Heitor Villa-Lobos. Depois, ao final dos anos de 1920, todo o material recolhido foi repassado por Villa-Lobos para Mário de Andrade, que desde 1928 já fazia a sua própria recolha pelo Norte do Brasil (o que então compreendia o que hoje é o Nordeste).

¹³ O termo “Literatura Popular em Verso” intitula tanto o acervo de folhetos da FCRB, iniciado em 1958, quanto o programa editorial sobre o cordel, que começou a ser efetivado a partir da publicação do catálogo em 1961.

residentes dessa então Capital Federal – como Manuel Cavalcante Proença, Orígenes Lessa e esse vosso criado obrigado, que fora brindado pelo grande poeta João Cabral de Melo Neto com uma pequena coleção – éramos convocados por Thiers Martins Moreira, chefe do Centro de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa, para algo fazermos pelo cordel (Houaiss, 1983, p. 20-21).

Se o esforço inicial foi o de preservação, ao constituir acervo, catalogar e caracterizar os títulos passou-se, então, a selecionar e publicar os textos mais representativos e canônicos. É o que diz Thiers Martins Moreira, então diretor de pesquisa, no prefácio ao segundo tomo da coleção *Literatura Popular em Verso: Antologia*, quando fala da motivação inicial dos estudos na instituição:

[...] temor de que por força de tal circunstância se perdessem os documentos dessa criação, por vezes anônima, o que levou o Centro de Pesquisas à realização imediata de uma primeira catalogação e, posteriormente, a adquirir coleção própria, que hoje constitui patrimônio bibliográfico da casa de Rui Barbosa [...] (Moreira, 1964, p. 27).

Ao referendar uma narrativa produzida sobre o que foi denominado de **literatura popular em verso**, a FCRB constituiu um arquivo permanente de documentos, materializado em uma coleção de folhetos, catálogos de referência, coletâneas, estudos, vídeos, depoimentos gravados, entre outros, o que faz desse acervo um propulsor das pesquisas sobre o cordel no Brasil:

A partir da década de 1960, a Casa de Rui Barbosa, sob o título *Literatura Popular em Verso*, vem desenvolvendo um conjunto de medidas para a promoção da literatura de cordel, que compreendem desde levantamentos bibliográficos e organização de coleções, à preservação de documentos preciosos na iminência de se perderem e publicação de uma extensa bibliografia, composta por catálogos, antologias e estudos especializados.¹⁴

Na extensa “Introdução” que Manoel Cavalcante Proença faz para a segunda publicação da série *Literatura Popular em Verso*, a já referida *Antologia* de 1961, ele então explica o enquadramento do que chama de “literatura oral em versos”, é dizer, “[...] aquela que é feita expressamente para ser recitada e que impressa, no caso, por motivos econômicos, não perde a característica oral” (Proença, 1964, p. 1). Aqui, a questão da oralidade é posta não somente como inerente à difusão, mas atrelada ao gênero de poesia que o estudioso define como *popular*: “[...] que se transmite pelo uso de meios técnicos (no caso a impressão), que está sujeita a moda

¹⁴ Há um pequeno histórico a respeito desse processo de constituição do acervo, na antiga página institucional da FCRB. Ver: BREVE histórico. Disponível em: http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=99. Acesso em: 02 out. 2024.

ou voga, que não é anônima, mas possui intrinsecamente as características da poesia folclórica” (Proença, 1964, p. 1).

A defesa da pretensa imutabilidade do sistema editorial e literário do cordel brasileiro, recorrente nos estudos institucionais desde os anos de 1950, também se define pela idealização de um formato padronizado e único de folheto tipográfico barato e de venda volante. É a mesma idealização que se dá em relação ao pretense público, constituído pela “[...] pobre gente descalça e maltrapilha, sertanejos rudes, de alpargatas e chapéu de couro [...]” (Lessa, 1955, p. 60), e na reiterada constância de se perceber tal literatura como “[...] do povo e para o povo” (Araújo, 1955, p. 1), pois feita por autores “[...] que falam a mesma linguagem dos seus leitores” (Araújo, 1955, p. 1).

Assim, abstraído o cordel do que o constitui para o discurso que naturaliza e referenda como prática imemorial, pautada na oralidade ancestral e moldada unicamente pelos signos da identidade e da tradição, nos primeiros estudos institucionais há pouco interesse de se pensar movências, diálogos diversos e os variados usos do gênero na permanente atualização frente às novas tecnologias que o caracteriza desde sempre.

Posteriormente, já em 1973, a publicação do tomo I da série *Estudos*, da coleção *Literatura popular em verso* – no mesmo momento em que a universidade estava tratando o cordel como tema de pesquisas acadêmicas em seus programas de pós-graduação – há um novo movimento que aprofunda o diálogo interinstitucional com pesquisadores que atuam na universidade fazendo com que a instituição alcance um novo patamar com a pesquisa do cordel. Através de textos assinados por nomes como os de Ariano Suassuna (*Literatura [...]*, 1973, p. 152-164), Manuel Diégues Júnior (*Literatura [...]*, 1973, p. 1-151), além do brasilianista norte-americano Mark Curran (*Literatura [...]*, 1973, p. 271-311) e do poeta-pesquisador Sebastião Nunes Batista (*Literatura [...]*, 1973, p. 330-419), o objetivo está expresso no prefácio do diretor do centro de pesquisa:

[...] contribuir para uma visão mais ampla da importância dessa manifestação de arte popular brasileira, já reconhecida em centros culturais estrangeiros, como comprovam estudos recentes da maior significação (Carvalho; Silva, 1973, p. IX).

De fato, a coleção contribuiu para esse propósito, ao ponto de a FCRB tornar-se a instituição pioneira em promover o sempre problemático reconhecimento de autoria, além de sistematicamente realizar eventos, simpósios, mesas redondas etc. A coleção de folhetos também passou a ser reconhecida como a mais importante do país, pela amplitude e raridade. Por sua vez, o modelo de publicações produzidas sob a chancela da instituição foi amplamente

Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 47-65, jul./dez., 2023

replicado. Além disso, através da leitura comparativa dos diversos catálogos, antologias, estudos variados e levantamentos bibliográficos produzidos pela instituição, é possível mapear o sentido configurado pelos intelectuais mediadores no objeto de estudo institucional, quando pensado como forma literária de convenções fixas.

É certo que o discurso da construção do objeto de pesquisa, na FCRB, se fez anterior ao da construção como gênero literário, mesmo que uma coisa implique na outra. A pesquisadora Vilma Mota Quintela, em texto publicado em livro como resultado do “Encontro de Pesquisadores de Literatura de Cordel”, apresenta argumentos sobre a dimensão múltipla e dinâmica das transformações no cordel ao longo do tempo. De uma forma resumida, a pesquisadora percebe que há no cordel três características que considera as mais marcantes: a constante atualização junto às expectativas dos leitores; a de ser dinâmico e mutável no tempo; e a de se manter num permanente diálogo com os diversos meios de comunicação e tecnologias vigentes (Quintela, 2008, p. 119-137).

Fica claro que as questões postas por ela se dão em paralelo e são bastante pertinentes para a definição de um campo de pesquisa do cordel brasileiro. É sintomático que, nos embates travados ao longo da construção desse objeto, a forma se sobressaia no campo de disputas por representação das práticas, ao se fixar como um gênero literário de forma definida e cânone próprio, muito além da estampa de *literatura popular*.

4 Digitalização do acervo e difusão virtual da coleção *Literatura Popular em Verso*

Na passagem do século XX para o XXI, a adesão às novas tecnologias informacionais possibilita um aprimoramento nos processos de indexação, armazenamento e conservação do acervo da FCRB. Por sua vez, a digitalização e disponibilização eletrônica dos folhetos resulta em um novo modo de difusão da coleção *Literatura Popular em Verso*. A primeira notícia sobre o novo tratamento dado à coleção é de 2002, em reportagem de Daniela Birman para o jornal *O Globo* e intitulada “Folhetos raros da literatura de cordel ganharão site”, que assim reporta:

Exemplares da literatura popular nordestina cujos versos influenciaram a música e a literatura brasileiras terão um capítulo importante de sua história preservado e valorizado. Um projeto da professora de literatura brasileira da UFF Ivone da Silva Ramos Maya recuperará e digitalizará cerca de mil folhetos raros de cordel do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa. A previsão é que, até o fim do ano, o site esteja pronto. Ele poderá ser acessado por meio da homepage da casa <www.casaruibarbosa.gov.br> (Birman, 2002).

A despeito da sempre reiterada reprodução e naturalização que, na matéria, a jornalista dá ao termo “literatura popular nordestina”, como se estivesse à parte da literatura brasileira, o que mais se ressalta é que há um projeto em curso: o de digitalização do acervo raro de folhetos da FCRB. O projeto desenvolvido sob a coordenação da professora doutora Ivone Maya propicia, além da preservação, a disponibilização eletrônica de parte do acervo na escala mundial da internet. É o que aponta na reportagem a então diretora do centro de pesquisa: O projeto dará uma nova dimensão à nossa coleção. Não adianta guardar os folhetos sem que as pessoas saibam que eles existem – diz a diretora do Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa, Raquel Valença (Birman, 2002).

No próprio texto de apresentação se ressalta, entre os objetivos mais gerais, a preservação e a disponibilização do material, muito embora outras expectativas e possibilidades também se mostrem pertinentes:

O objetivo geral desse projeto é a preservação, conservação e disponibilização dessa coleção única no mundo [...]. Outra expectativa é a construção de uma rede de intercâmbios entre os centros detentores de acervos no Brasil e no exterior, a fim de incentivar a divulgação dos acervos das instituições participantes, por meio de ações cooperativas, como catálogos coletivos de acervos, a ser divulgado pelas páginas dos participantes, e intercâmbios [...]. A revisão e inserção dos registros catalográficos na base de dados da Fundação, possibilita a consulta on-line de todo o acervo, a realização de estudos e trabalhos de pesquisa sobre essa manifestação da cultura popular brasileira. A versão digital dos folhetos é disponibilizada no portal da FCRB por meio deste site [...].¹⁵

O projeto-piloto, que inicialmente se volta para a digitalização de todo o raro e frágil acervo de Leandro Gomes de Barros, disponível na FCRB com cerca de 400 textos, amplia o *corpus* acessível no formato eletrônico e indexa todo o acervo à base de dados da instituição. Assim, a consulta à distância do que já estava catalogado e disponível na forma física é o que de fato parece ser a grande virada que a digitalização permite aos estudos do cordel, juntamente à troca de informações e interatividade que se constroem a partir dos cordéis/folhetos como documentos eletrônicos facilmente acessíveis.

Em 2004 a primeira etapa do projeto é concluída. O acervo mais antigo, cerca de mil itens – os mesmos que a reportagem de 2002 apontava como representativos do período áureo do cordel –, finalmente é hospedado na *homepage* da instituição. Essa primeira etapa da digitalização de parte do acervo maior de folhetos da FCRB se revela de grande importância

¹⁵Ver: FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. Apresentação do Projeto Cordel. Disponível em: <http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/cordel/apresentacao.html#>. Acesso em: 02 out. 2024.

para a ampliação, por exemplo, da própria percepção sobre as dimensões históricas e literárias do folheto/cordel.

A segunda etapa do projeto “Cordel” ampliou a pesquisa para a obra de um conjunto maior de cordelistas, trabalho desenvolvido pela professora doutora Sylvia Nemer, e disponibilizou uma gama de títulos mais recentes no tempo e que foram produzidos pela segunda geração – os continuadores da forma desenvolvida pelos autores canônicos da primeira geração –, sendo que parte dessas obras correspondem ao período retratado neste artigo. Em 2008, quando o projeto de digitalização foi finalmente concluído, o *corpus* documental constituído em meados dos anos de 1950 já tinha em torno de 8.300 folhetos catalogados na base de dados, dos quais cerca de 2.300 totalmente digitalizados.¹⁶

As facilidades propiciadas pela digitalização dos diversos acervos¹⁷ e a presença cada vez maior do formato eletrônico, publicado, disponibilizado e difundido na rede mundial de computadores (Amorim, 2008; Nemer, 2010, p. 7) representam a ruptura final com premissas consolidadas do cordel, como a que vincula a forma ao formato de folheto e a que o associa como prática *popular*. Desse modo, o que se busca não são somente as marcas consolidadas, mas já bastante diluídas e fragmentadas pela grande variedade de aspectos e/ou temáticas abordadas, mas, sim, o que vai além das reiterações da forma e que a recria em novos usos e formatos. Assim, as bases materiais anteriormente firmadas, constituídas por impressos baratos, vendidos e distribuídos de modo volante no formato de folhetos, agora circulam sem grandes amarras de tempo ou espaço no meio eletrônico, facilitando o estudo comparativo dos formatos, impondo novas possibilidades de composições e interfaces poéticas, bem como estabelecendo em uma dimensão bem maior, para além dos especialistas, do campo de estudo e dos usos próprios ao gênero literário.

Ao ser inscrito e transmitido por meio eletrônico, o cordel também vai ser desmaterializado do suporte e formato impresso do folheto que o definia até então, se reinventando enquanto forma e formato. A própria denominação, amplamente difundida a partir da FCRB, que faz do folheto a própria **literatura popular em verso** é posta em xeque, nos termos que a definiam como **poesia narrativa, popular e impressa** (Melo, 1982, p. 13). Ao se

¹⁶ FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. Coleção Literatura Popular em Verso. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/acervo.html>. Acesso em: 02 de out. 2023.

¹⁷ Em 2008, além da coleção *Literatura Popular em Verso* da FCRB se apresentar parcialmente disponibilizada para pesquisa em formato digitalizado, o acervo Maria Alice Amorim, vinculado à Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, consolida o processo de digitalização do seu acervo de mais de 7000 folhetos, o que permite uma imensidão de possibilidades aos pesquisadores do cordel brasileiro ou a qualquer um que esteja interessado em conhecê-los. Ver: ACERVO Maria Alice Amorim. Disponível em: <http://www.cibertecadecordel.com.br/>. Acesso em: 28 dez. 2023.

desmaterializar de um dos seus principais qualificativos – o de ser forma poética constituída sob um formato impresso –, as mudanças implementadas a partir do suporte eletrônico de transmissão, junto ao maior protagonismo e organização dos poetas em refletir as suas próprias práticas e aos embates que se travam em torno de um outro posicionamento do subgênero poético no mercado editorial do livro, são pontos que merecem a nossa reflexão sobre as subversões e movências do cordel contemporâneo.

O total desatrelamento entre a forma do enredo em verso e o formato de brochura do folheto – unidade muitas vezes naturalizada por alguns dos estudiosos do subgênero poético e que, no limiar do século XXI, já não mais existia como única possibilidade gráfica – se aprofunda com a inscrição eletrônica do cordel na nova era cibernética. Mas, no tipo de texto que está inscrito e circula no ciberespaço pelas vias do suporte eletrônico nos dispositivos fixos ou móveis, há implicações que não se restringem à ausência de materialidade da forma posta em circulação.

Seja no fazer literário-poético, transformando quase tudo em um hipertexto móvel, virtual e dialogal; na circulação instantânea e que não mede as distâncias a partir da aldeia global; ou na recepção não só produtiva, mas fundamentalmente interativa, todo o circuito editorial e literário é impactado, o que se torna mais visível na segunda metade dos anos de 1990 e se consolida na passagem do milênio. Assim como em qualquer outro texto eletrônico, as mudanças que se estabelecem no sistema editorial e literário do cordel brasileiro a partir de uma maior difusão e alcance da internet no país são irreversíveis. Desse modo, o processo de configuração de forma, formatos e usos contemporâneos do cordel através dos mediadores culturais também passa pela ressignificação do cordel enquanto fonte documental, a partir do momento em que se faz inscrito no espaço virtual.

Se em 1955, marco inicial para se pensar o objeto de estudo que se configura em forma literária a partir das primeiras pesquisas institucionais, os documentos físicos (folhetos) nem mesmo estão constituídos em acervos – o que ocorre poucos anos depois, quando a FCRB desenvolve ações de recolhimento, catalogação e estudo sistemático dos folhetos em versos no Brasil –, no cenário contemporâneo dos anos 2000 até o marco final deste estudo, em 2008, a realidade da pesquisa com o documento folheto é bem distinta, pois os principais acervos começam a ser digitalizados, disponibilizados e podem ser acessados por qualquer pessoa e em qualquer lugar do mundo onde se tenha internet. A nova realidade faz toda a diferença, seja na preservação, bem como no acesso e difusão.

5 À guisa de conclusão: de literatura de cordel a cordel literatura

Este estudo levanta questões importantes a respeito da institucionalização do objeto de estudo cordel. Ao cancelar as representações construídas a respeito do tema por mais de meio século, na FCRB permitiu-se que ele fosse pensado, produzido e lido pelos agentes e estudiosos como parte de um sistema editorial e literário, quando configurado por apropriações, institucionalizações e inesperadas subversões na poética, formatos e usos. Do mesmo modo, a partir da instituição, constituiu-se um léxico de denominações, temáticas e tipologias para refletir o cordel nas contínuas disputas por ressignificações, o que revela a complexidade de disputas entre modelos explicativos que se movem no tempo a partir dali.

Por sua vez, refletir sobre os usos e leituras do cordel – através de políticas públicas desenvolvidas na FCRB a cada tempo – permite compreender melhor todo o processo histórico de configuração e institucionalização da expressão cultural em forma poética, configurada nas convenções próprias a um sistema editorial e literário. Desse modo, na instituição, o estudo do cordel o amplia em significados e sentidos múltiplos nos embates por representação, travados no correr do tempo – através do fomento à política de patrimonialização e preservação de acervo; valorização da forma junto ao mercado editorial; subversão do formato, no ciberespaço, etc. –, potencializados pelos agentes, estudiosos e sob a ação da diversidade social nas práticas culturais envolvidas, o que faz com que o objeto de pesquisa folheto avance para tornar-se o expressivo gênero literário cordel brasileiro.

Assim, sendo espaço de referência nas reflexões instituídas sobre as convenções do gênero e de definição do cânone, a FCRB contribui, sobremaneira, para fomentar as constantes transformações desse fazer literário. Desse modo, é só olhando para o passado de lutas e interpretações diversas que fizeram do cordel brasileiro objeto de pesquisa, historicizando e problematizando suas transformações no tempo, que se pode entender o seu papel significativo e indutor na atual constituição do gênero literário. No processo ainda em curso, é sintomático o que Aléxia Brasil projetou em sua tese sobre as redes e conexões estabelecidas por esse complexo sistema editorial-literário, ao afirmar que “o futuro do que veio a ser reconhecido como cordel é continuar mudando. Mudando de prelo, mudando de tecnologia, mudando de suporte” (2006, p. 159).

Referências

ACERVO Maria Alice Amorim. Disponível em: <http://www.cibertecadecordel.com.br/>. Acesso em: 28 dez. 2023.

AMARAL, Amadeu. *Tradições populares*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.

AMORIM, Maria Alice. *No visgo do improviso ou a peleja virtual entre cibercultura e tradição: comunicação e mídia digital nas poéticas da oralidade*. São Paulo: EDUC, 2008.

ANDRADE, Mário de. *O baile das quatro artes*. São Paulo: Livraria Martins, 1943.

ARAÚJO, Alceu Maynard. “Literatura de cordel”. *Vida Rotária*, São Paulo, v. 7, n. 67, out. 1955.

BARROSO, Gustavo. *Ao som da viola*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro, 1921.

BATISTA, Sebastião Nunes. Restituição da autoria de folhetos do Catálogo, Tomo I da Literatura Popular em Verso. *In: LITERATURA popular em verso: estudos*. Rio de Janeiro: FCRB, 1973. p. 330-419.

BATISTA, Sebastião Nunes. *Poética popular do Nordeste*. Rio de Janeiro: FCRB, 1982.

BENJAMIN, Roberto Emerson da Câmara. *Folhetos populares: intermediários no processo de comunicação (mimeo.)*. Recife: Curso de Jornalismo Universidade Católica de Pernambuco, 1968.

BIRMAN, Daniela. Folhetos raros da literatura de cordel ganharão site. *O Globo*, Rio de Janeiro, 6 jun. 2002.

BRADESCO-GOUDEMAND, Yvonne. *O ciclo dos animais na literatura popular do Nordeste*. Rio de Janeiro: FCRB, 1982.

BRANDÃO, Antonio Helonis Borges. *Apropriações instituídas e a subversão do popular: usos, formatos e poética do cordel literatura (1955-2008)*. 2020. 411p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, Niterói, 2020.

BRASIL, Aléxia. *Cordel: memória e comunicação em rede*. 2006. 168 f. Tese (Doutorado em comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica, 2006.

CAMPOS, Renato Carneiro. “Folhetos Populares na Zona dos Engenhos de Pernambuco”. *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco*, Recife, n. 4, 1955.

CANTEL, Raymond. *La litterature populaire brésilienne*. Poitiers: Centre de Recherches Latino-Americaines, 2005.

CARVALHO, Rodrigues de. *Cancioneiro do Norte*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1903.

- CARVALHO E SILVA, Maximiano. Prefácio. *In: LITERATURA popular em verso: estudos*. Rio de Janeiro: FCRB, 1973. p. IX-XIV.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco livros do povo*. João Pessoa: UFPB, 1979.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CURRAN, Mark. *A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.
- CURRAN, Mark. A sátira e a crítica social na literatura de cordel. *In: LITERATURA popular em verso: estudos*. Rio de Janeiro: FCRB, 1973. p.271-311
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Ciclos temáticos na literatura de cordel. *In: LITERATURA popular em verso: estudos*. Rio de Janeiro: FCRB, 1973. p. 1-151.
- FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Breve histórico*. Disponível em: http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=99. Acesso em: 02 out. 2024.
- FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Histórico*. Disponível em: <http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/>. Acesso: em 02 out. 2024.
- FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Apresentação do projeto cordel*. Disponível em: http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/cordel/apresentacao.html#_ Acesso em: 02 Out. 2024.
- FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Coleção literatura popular em verso. Disponível em: <http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/cordel/acervo.html>. Acesso em: 02 de out. 2024.
- FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *O cordel testemunha da história do Brasil*. Rio de Janeiro: FCRB, 1987.
- GRILLO, Maria Ângela de Faria. *A arte do povo: histórias na literatura de cordel (1900-1940)*. Niterói, RJ: Ed. do Autor, 2005.
- HOUAISS, Antonio. Prefácio. *In: LONDRES, Maria José Fialho. Cordel: do encantamento às histórias de luta*. São Paulo: Duas Cidades, 1983. p. 13-27.
- LESSA, Orígenes. “Literatura popular em verso”. *Anhembi*, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 68-87, dez. 1955.
- LITERATURA popular. *Cordel*. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/literatura-popular-cordel/>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- LITERATURA popular em verso: catálogo. Rio de Janeiro: FCRB, 1961.
- LITERATURA popular em verso: antologia. Rio de Janeiro: FCRB, 1964.
- LITERATURA popular em verso: estudos. Rio de Janeiro: FCRB, 1973.
- Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 47-65, jul./dez., 2023

LITERATURA popular em verso: antologia. Leandro Gomes de Barros. Brasília, DF: MEC; Rio de Janeiro: FCRB; João Pessoa: UFPB, 1977a. t. III.

LITERATURA popular em verso: antologia. Francisco das Chagas Batista. Brasília, DF: MEC; Rio de Janeiro: FCRB, 1977b. t. IV.

MAYA, Ivone da Silva Ramos. *O poeta de cordel e a Primeira República: a voz visível do popular*. 2006. 141 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Políticas e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006.

MELO, Veríssimo de. Literatura de cordel: visão histórica e aspectos principais. *In: LOPES, Ribamar. Literatura de cordel: antologia*. Fortaleza: BNB, 1982.

MORAES, Carlos J. Memórias de um velho livreiro e editor. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 6 jun. 1948.

MOREIRA, Thiers Martins. Prefácio. *In: LITERATURA popular em verso: antologia*. Rio de Janeiro: FCRB, 1964. p. VII-X.

MOTA, Leonardo. *Cantadores*. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1921.

MOTA, Leonardo. *Violeiros do Norte*. São Paulo: Monteiro Lobato, 1925.

NEMER, Sylvia (org.) *Recortes contemporâneos sobre o cordel*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

NEMER, Sylvia. Memórias do cordel. *In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH, 14.*, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: ANPUH, 2010.

O CORDEL e os desmantelos do mundo. Rio de Janeiro: FCRB, 1983. (Antologia. Nova série).

ORTIZ, Renato. *Cultura popular: romântico e folcloristas*. São Paulo: Olho D'água, 1985.

PROENÇA. Manoel Cavalcanti. Introdução. *In: LITERATURA popular em verso: antologia*. Rio de Janeiro: FCRB, 1964. p. 1-17.

QUINTELA, Vilma Mota. Cordel, mídias e mediações culturais. *In: NEMER, Sylvia. (org.) Recortes Contemporâneos sobre o cordel*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 119-132.

ROMERO, Silvio. *Estudos sobre a poesia popular no Brasil*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

SANTOS, Olga de Jesus; VIANNA, Marilena. *O negro na literatura de cordel*. Rio de Janeiro: FCRB, 1989. (Estudos. Nova série).

SILVEIRA, Joel. Música do sertão na rua dos pescadores: duas tardes com o poeta João Martins de Ataíde. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 8 out. 1944.

Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 47-65, jul./dez., 2023

SOBRE a Fundação. Disponível em:

http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?page=materia&ID_S=229&NM_Secao=contato&ID_M=21. Acesso em: 18 nov. 2023.

SUASSUNA, Ariano. A compadecida e o romancista nordestino. *In: LITERATURA popular em verso: estudos*. Rio de Janeiro: FCRB, 1973. p. 152-164.

TAVARES, Odorico. Trovadores da Bahia. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 26 out. 1946.

TERRA, Ruth. *A literatura de folhetos nos fundos Villa-Lobos*. São Paulo: Instituto de estudos Brasileiros: USP, 1981.

TERRA, Ruth. *Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893 a 1930)*. São Paulo: Global Editora, 1983.

WANKE, Eno Teodoro. *Vida e luta do trovador Rodolfo Coelho Cavalcante (Biografia)*. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora, 1983.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu Editora, 2018.